

ARTIGO 1: Agnatismo Minimalista: A Organização Social Yuhupdeh em Seu Contexto Alto Rio-Negrino

Autor: Cácio SILVA

RESUMO

Este artigo traz dados etnográficos inéditos dos Yuhupdeh, povo da família etnolinguística conhecida como “Maku”, que habita o interflúvio dos rios Tiquié e Apaporis, no encontro das regiões do Alto Rio Negro e Alto Rio Solimões, integrando o sistema social Uaupés – Pira-Paraná. O objeto da pesquisa é a organização social Yuhupdeh, numa abordagem comparativa com os Tukano Oriental e Arawak, relativizando os contrastes recorrentes na literatura etnológica entre tais povos e propondo generalizações para a área etnográfica. A hipótese geral é que os Yuhupdeh e extensivamente os “Maku” se organizam pelas mesmas noções sociais dos Tukano e Arawak, porém, alojando-as em unidades sociais diferentes e reduzidas. Para tal, trabalha-se com um recorte teórico abordando os temas binários endogamia/exogamia, igualitarismo/hierarquia e aliança/descendência, tendo as noções de cognação/agnação como transversais. Defende-se que, ao invés de uma estrutura cognática, eles apresentam uma estrutura agnática, porém, minimalista.

Palavras-chave: etnologia comparada; organização social; sistema Uaupés – Pira-Paraná (Yuhupdeh, Maku, Tukano, Arawak)

ABSTRACT

This article presents previously unpublished ethnographic data of the Yuhupdeh, a people of the 'Maku' ethnic-linguistic family that lives between the Tiquie and Apaporis Rivers, where the regions of the Upper River Negro and the River Solimoes meet, being part of the Uaupes-Pira-Parana social system. The object of the research is to make a comparative survey of Yuhupdeh social organization with the Eastern Tukano and Arawak societies, utilizing the useful contrasts in the ethnographic literature about these peoples and proposing general conclusions for the ethnographic area. The general hypothesis is that the Yuhupdeh, and more broadly the 'Maku', are organized by the same social notions as the Tukano and Arawak, yet live in different and reduced social units. For this is presented a theoretical argument introducing the binary themes of endogamy/exogamy, egalitarianism/hierarchy and covenant/descent, having the notions of

cogitation/agnation as transversals. It is defended that in stead of a cognitive structure, they present clearly a agnate social structure, even if in a minimal form.

Key words: comparative ethnology; social organization, Uaupes - Pira-Parana system (Yuhupdeh, Maku, Tukano, Arawak)

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura da organização social Yuhupdeh, relativizando seus contrastes com os povos Tukano e Arawak em busca dos traços comuns para propor generalizações. Persegue-se o modelo de organização social Yuhupdeh enquanto parte do sistema social integrado do Alto Rio Negro, a partir da hipótese de que se organizam pelas mesmas noções sociais dos demais povos da região, apenas alocando-as em unidades sociais diferentes. Numa aproximação comparativa com a sociedade guianense, sustenta-se que os Yuhupdeh apresentam uma organização agnática minimalista, isto é, ideal e prática exogâmica entre seus clãs, portanto, possuem unidades de unificação efetivas, a noção de descendência estrutura os grupos locais e, ainda que atenuada, preservam a noção de hierarquia entre seus subclãs. Tudo isso, porém, em unidades sociais reduzidas, grupos locais pequenos, dispersos e fluidos, o que caracteriza seu minimalismo.

Desenvolve-se uma análise comparativa dos Yuhupdeh com os Tuyuka e Baniwa, como respectivos representantes das famílias etnolinguísticas “Maku”, Tukano e Arawak. Para tal, trabalha-se um recorte teórico, abordando os temas binários endogamia/exogamia, igualitarismo/hierarquia e aliança/descendência, tendo as noções de cognação/agnação como transversais. Tal abordagem justifica-se pelo exíguo conhecimento que se tem dos Yuhupdeh e da família “Maku” em geral, contribuindo assim com produção de conhecimento sobre tais povos e com estudos comparativos sobre o noroeste amazônico.

Os dados aqui apresentados resultam dos meus cinco anos de convivência com os Yuhupdeh do Alto Rio Negro, na coordenação e execução de um programa de educação intercultural bilíngue. Meus primeiros contatos com eles se deram em maio de 2006 e, desde então, já foram 20 períodos em área, totalizando 560 dias em seu território tradicional, envolvendo estudo linguístico, grafia da língua, produção de

material didático e análise cultural. Tais dados foram coletados no convívio comunitário, no interior da floresta, em acampamentos de pesca, em visitas com eles a comunidades¹ Tukano e, ultimamente, em visitas deles à cidade. Após desenvolver esse texto, passei mais um período de 30 dias com eles, checando cada informação.

Tenho mantido, menos intensamente, contato também com povos Tukano e Arawak, em um ambiente fértil para comparações e me debruçado sobre a literatura etnológica da região, em sua fantástica diversidade e riqueza. Apresento ao leitor, portanto, o resultado não apenas de pesquisa, mas de convivência relacional, muitos dados colhidos na língua materna e no ambiente rotineiro do lar, conciliados com leitura e reflexão etnológica.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

A história de um debate

Nos estudos sobre organização social, duas teorias tornaram-se notórias e em torno das quais passaram a orbitar grande parte dos estudos etnográficos. Em sua introdução ao livro *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento* (1950), Alfred Reginald Radcliffe-Brown desenvolveu a “teoria da descendência”, centrada na filiação, segundo a qual os filhos definem o parentesco. Na mesma época, porém, Claude Lévi-Strauss, em *Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), sistematizava a “teoria da aliança”, centrada no matrimônio, segundo a qual o casamento define o parentesco.

Na sua elaboração, o autor distingue estruturas *elementares* e *complexas* de parentesco, sendo as primeiras, os sistemas nos quais, já na sua nomenclatura parental, existem regras que proíbem o casamento com certos parentes e, ao mesmo tempo, indicam a ou as categorias em que o casamento é permitido. São, portanto, estruturas que combinam uma regra restritiva com uma prescritiva, sendo essa última, a regra que, de fato, orienta a organização social (Lévi-Strauss, [1952] 1980, p.10,11).

Para Lévi-Strauss ([1949] 1982, p.49,72), o incesto é o elemento desencadeador da aliança, sendo esse a única regra universal, através da qual se interdita o casamento com um grupo de parentes. Logo, os homens de um grupo se veem obrigados a buscar esposas em outro grupo e para

manter essa relação de troca de mulheres é estabelecida uma aliança de reciprocidade. Assim, a noção de exogamia é central no pensamento de Lévi-Strauss, postulada como noção universal, já que a proibição do incesto é uma regra universal.

Ao fazê-lo, Lévi-Strauss retoma um debate iniciado ainda no século 19 por John Ferguson McLennan (1865, p.136-150), o qual, analisando o sistema de parentesco dos nativos australianos e norte-americanos, propôs a dicotomia exogamia/endogamia, concebendo a primeira como proibição de casamento com o próprio grupo, o que resultava na captura de mulheres, e a segunda como o antônimo da primeira, ou seja, permissão de se casar dentro do grupo. Ao analisar o sistema de parentesco iroquês, Lewis Henry Morgan (1871) reformulou tais conceitos, expandindo a ideia de grupo, mostrando que as duas noções podem coexistir num mesmo povo, com a exogamia no nível das geris e endogamia no nível da etnia.

Avançando nas análises, Lévi-Strauss ([1949] 1982, p.85-91) faz distinção entre endogamia/exogamia *verdadeira* e *funcional*. A endogamia verdadeira proíbe o casamento com mulheres de outro grupo, enquanto a exogamia verdadeira proíbe casar com mulheres do próprio grupo. Assim, olhando do outro ângulo, toda endogamia verdadeira tem como contraponto uma exogamia funcional e toda exogamia verdadeira, uma endogamia funcional. Dessa forma, exogamia e endogamia passaram a ser articuladas como noções complementares e não necessariamente opostas. E, ligado a tudo isso está a noção de “*primos cruzados*”, a partir da distinção classificatória entre os filhos dos irmãos de mesmo sexo dos pais e os filhos dos irmãos de sexo oposto dos pais. O resultado é o surgimento de dois grupos sociais: primos paralelos, ou consanguíneos, e primos cruzados, ou afins. Como a história da antropologia no século 20 comprova, boa parte dos estudos de parentesco gira em torno da relação entre esses dois grupos.

Etnologia das terras baixas sul-americanas

Nas últimas décadas surgiram importantes contribuições ao estudo das sociedades das terras baixas sul-americanas, através de estudos comparativos. Vários problemas teóricos dessas sociedades não foram contemplados nas teorias tradicionais, alguns deles levantados por Joanna Overing Kaplan (1973, 1975) no estudo sobre os Piaroa, Peter Rivière

(1969, [1984] 2001) nos estudos sobre os Trio (Tirió) e as sociedades da Guiana e Eduardo Viveiros de Castro (2002), em sua revisão bibliográfica sobre a afinidade no sistema dravidiano amazônico.

Em seu denso trabalho etnográfico sobre os Piaroa da bacia do Orinoco, Overing Kaplan (1973, p.556) levanta o questionamento sobre “*como interpretar a regra positiva de casamento [exogamia/aliança] em sociedades que têm casamento endogâmico*” e, no entanto, não apresentam princípios bem marcados de descendência”. E em diálogo com os textos de Lévi-Strauss, a autora propõe a distinção entre três tipos de organização, responsáveis pela estruturação de diferentes arranjos sociais: 1) sociedades que enfatizam a descendência; 2) sociedades que enfatizam a aliança; e 3) sociedades que se organizam pelos princípios da descendência e da aliança paralelamente (Overing Kaplan, 1975, p.2).

Rivière ([1984] 2001) expõe, de forma extremamente convincente, a configuração social da Guiana, sintetizada por Àrhem (1989, p.6-7) como descendência cognática, endogamia local, residência uxorilocal, noção de troca, assentamentos pequenos e transitórios, fluidez social, co-residência de consanguíneos e afins, formação bilateral, ausência de unificação e parentesco como co-residência. Rivière ([1984] 2001, p.140) sugere que tais sociedades devem constituir a forma mais simples das terras baixas sul-americanas e, assim, passaram a ser referidas como “atomistas” e “minimalistas”. Na proposta de Overing Kaplan, seriam, portanto, sociedades organizadas pelo princípio da aliança.

Aprofundando as análises sobre os problemas da afinidade na Amazônia, Viveiros de Castro (2002, p.103) alerta sobre um possível efeito colateral do sucesso teórico de Overing Kaplan e Rivière que acabou por impor “o paradigma guianense com tal força persuasiva que o problema, hoje, é evitar sua aplicação descontrolada”. Propõe também (p.94-97) que a teoria da aliança, forjada a partir de dados australianos, bem como a teoria da descendência, oriunda de dados africanos, não dão conta dos sistemas sociais sul-americanos porque tais sociedades estão “aquém” das estruturas elementares de parentesco.

Uma das suas principais contribuições é o aprimoramento da terminologia dravidiana a partir da oposição entre *próximo* e *distante*. Segundo Viveiros de Castro, os ameríndios têm a tendência de “afinizar” os consanguíneos próximos e “consaguinizar” os afins distantes. Procede, dessa forma, uma releitura dos conceitos de consanguíneo e afim, saindo da distinção terminológica para a

distinção sociológica, ao propor como mais apropriados os conceitos de “cognato” e “não-cognato” (idem, p.122-127), fazendo assim o princípio da afinidade ou “cognação” como dominante, a partir do qual se constrói a consanguinidade.

Formam-se, portanto, duas matrizes conceituais comparativas, relacionando exogamia, descendência, agnação e hierarquia por um lado e endogamia, aliança, cognação e igualitarismo por outro. Tem-se elegido os povos² Tukano como perfeitos representantes da primeira matriz e os povos da Guiana como representantes por excelência da segunda.

Etnologia do Alto Rio Negro

Nesse contexto teórico, todo o Alto Rio Negro, com exceção apenas da área Yanomami, tem sido considerado como “área cultural” (Galvão, [1959] 1979, p.208-211), ou, mais apropriadamente, “área etnográfica” (Melatti, [1970] 2007, p.79-84). Um complexo sócio-geográfico onde grupos de três famílias etnolinguísticas distintas, Arawak, Tukano Oriental e “Maku”, apresentam traços muito similares e mantêm uma rede de intercâmbio comercial e cultural. Alexandra Aikhenvald e Robert Dixon (1998, p.244) chamaram o mesmo complexo de “área linguística”, na qual línguas totalmente distintas mantêm traços transversais resultantes de um processo de difusão areal.

De forma menos inclusiva, as calhas dos rios Uaupés, principal afluente do Rio Negro no seu alto curso em território colombiano e brasileiro, e Pira-Paraná, afluente do Apaporis no seu baixo curso, em território colombiano, têm sido apresentadas como uma subárea onde sociedades distintas, Tukano e “Maku”, formam um sistema integrado com intenso intercâmbio sócio-cultural, chamado por alguns de “simbiose” (Ramos, 1980, p.171).

O material etnográfico da família Tukano Oriental é farto, mas, neste estudo, interessam os trabalhos de Irving Goldman ([1940] 1963) entre os Cubeo, de Jean Jackson ([1972] 1983) entre os Bará, Stephen Hugh-Jones (1979, 1993) e Christine Hugh-Jones (1979) entre os Barassana, Kaj Århem (1981, 1989) entre os Makuna e Aloisio Cabalzar ([1995] 2009) entre os Tuyuka. De modo geral, tais grupos têm sido caracterizados por sua exogamia linguística e étnica, descendência unilinear

com sibs³ de relação agnática, que se agrupam em um sistema hierarquizado, formando todo um sistema interétnico integrado.

Já os estudos etnográficos dos grupos “Maku” dessa área são escassos, tendo iniciado com a pesquisa de Peter Silverwood-Cope ([1972] 1990) entre os Kakua, chamados por ele de Bara, seguido de Howard Reid (1979) e Renato Athias (1995) entre os Húpd’äh. Recentemente, Bruno Marques (2009) fez uma excelente revisão bibliográfica dos Húpd’äh e Pedro Lolli (2010) realizou uma pesquisa entre os Yuhupdeh. O único, porém, que se propôs estudar tais grupos como família linguística foi Jorge Pozzobon (1983, 1991) e estes têm sido caracterizados, em contraste com os primeiros, por sua endogamia linguística e étnica, descendência unilinear em clãs relacionados como afins, agrupados em um sistema também hierárquico, socialmente integrados não em um sistema “Maku”, mas no próprio sistema Tukano.

O artigo de Århem (1989) é de particular importância para este texto, pois o autor propõe uma comparação entre os “Maku”, Makuna e as sociedades da Guiana, sugerindo que a organização social dos Makuna é intermediária entre os Tukano e a Guiana, enquanto os “Maku” seriam intermediários entre esses últimos e os Makuna. Portanto, no noroeste amazônico os “Maku” são os mais próximos do perfil social guianense. Segundo Marques (2009, p.167-168), Pozzobon, em seu texto não publicado, teria ido além ao sugerir que a organização “Maku” se configura num “cognatismo minimalista” similar ao das sociedades guianesas, ou seja, grupos locais dispersos, fluidos e fechados, idealmente endogâmicos, com ausência de hierarquia, relação agnática e unidades de unificação.

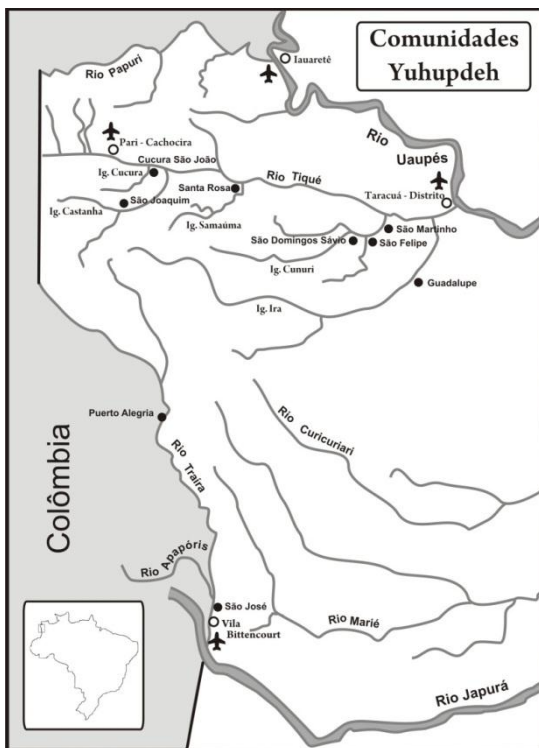
Tornou-se clássico na literatura etnológica da região referir-se aos povos “Maku” por meio de contrastes generalizantes, contrapondo-os com os Tukano: caçadores *versus* agricultores, endogâmicos *versus* exogâmicos, nômades *versus* sedentários, orientados pela floresta *versus* orientados pelos rios, cognáticos *versus* agnáticos, uxoriocais *versus* virilocais, descendência *versus* aliança.

Tal tradição etnográfica configurou uma matriz de distinção étnica que expressa, grosso modo, a realidade social desta região etnográfica, porém, oculta também fatos importantes para a compreensão da organização social de tais povos. Por outro lado, têm-se ainda as generalizações não contrastivas, como a hierarquia e a formação de metades que, por abrangentes que são, acabam igualmente ocultando fatos importantes. Não

se pretende aqui criar obstáculos às generalizações e descrições comparativas, mas voltar às particularidades etnográficas, aprofundando e pormenorizando as análises, para então propor novas generalizações etnológicas.

3. OS YUHUPDEH

Os Yuhupdeh formam um povo indígena minoritário, habitando de forma dispersa a área entre o baixo curso do Rio Apaporis na Colômbia e o médio-baixo curso do Rio Tiquié no Brasil. Sete das suas comunidades estão nos Igarapés Ira, Cunuri, Samaúma, Castanha e Cucura, todos na margem direita do Tiquié, Alto Rio Negro. Uma nona comunidade localiza-se no baixo Rio Apaporis, nas proximidades da sua foz no Rio Japurá, Alto Rio Solimões. Na Colômbia, temos notícias de uma comunidade no Rio Traíra, limítrofe com o Brasil, e outras no Rio Apaporis e seus igarapés afluentes Jotabeya e Ugá, todos da margem esquerda



do mesmo.

Fonte: Elaboração própria

Localização das Comunidades Yuhupdeh

Em levantamento recente, contabilizei sua população no território brasileiro em 141 famílias, totalizando 754 pessoas (Silva, 2010, p.07). Os dados da Colômbia são incertos, mas parece seguro afirmar a existência de uns 250 indivíduos

(Mahecha & outros, 2000, p.195), o que permite estimar a população Yuhupdéh num total de mil pessoas.

Na literatura linguística e etnológica, eles têm sido chamados de Yahup, Yohup, Y hup, Juhup, Yuhub-de, Yuhupda, Yuhupdã, Yuhupde e, mais frequentemente, Yuhup. Convencionamos chamá-los de Yuhupdeh (Silva & Silva, 2007a, p.2) atendendo à escolha dos mesmos. Quando da publicação do primeiro material didático em sua língua (Silva & Silva, 2007b), reunimos líderes e representantes de comunidades, colocamos em quadro negro as formas acima referidas e pedimos que eles próprios escolhessem. Concluíram que todas essas formas eram inexatas e que a forma correta seria Yuhupdeh (*yuhup* “pessoa, gente” + *deh* coletivizador = pessoas, povo), termo usado no dia a dia para identificar todos os que pertencem à etnia. Temos, porém, tratado o povo com a palavra coletivizada e a língua com a palavra no singular, portanto, fala-se povo Yuhupdeh e língua Yuhup.

Os Yuhupdeh formam uma família etnolinguística com os povos Nadëb, Dâw, Húpd’äh, Kakua e Nìkak⁴, família esta referida como Maku (Koch-Grünberg, 2005, p.44) e Maku-Puinave (Rivet & Tastevin, 1920, p.69-82). Excetuando os dois últimos grupos, também referida como Maku-Oriental (Martins, 2005, p.15), Nadahup (Epps, 2005, p.8-11), Negro-Japurá ou Uaupés-Japurá (Ramirez, 2001a, p.2), porém, de forma ainda não consensual. A falta de consenso na academia reflete a falta de consenso dos próprios grupos que, apesar de terem línguas e culturas com muitas similaridades, não se reconhecem como unidade e, conseqüentemente, não usam nenhuma autodenominação. “Maku” é um termo pejorativo, identificado como de origem Arawak, significando etimologicamente “sem fala” – *maáko*, mas semanticamente “selvagem, primitivo e servidor” – *máako* (Ramirez, 2001b, p.198). Trata-se de um termo impróprio, com forte carga de preconceito. Nadahup foi uma boa tentativa de evitar os problemas anteriores, mas exclui os Kakua e Nukak, assim como Uaupés-Japurá exclui os Nukak⁵. Assim, mesmo ciente da sua inadequação, usarei o termo “Maku” por falta de uma melhor opção, porém, sempre entre aspas que indicam meu desconforto com o mesmo.

Com pequenas variações e exceções, esses povos são conhecidos tradicionalmente como caçadores-coletores, nômades ou seminômades com um alto grau de mobilidade e subserviência a povos vizinhos sedentários de

tradição agrícola. Etnicamente endogâmicos, tendo os clãs como unidades exogâmicas, descendência patrilinear e residência bilateral. Suas línguas são caracteristicamente isolantes e tonais, com acentuada incidência de glotalização e laringalização, bem como gramáticas complexas marcadas por aspectualidade, serialização verbal e combinações tonais.

A mais antiga referência documental a tais povos vêm do século 18, quando o padre jesuíta Achilles Advogadri, capelão de escravos no Rio Negro, elaborou o primeiro relato extenso do Alto Rio Negro, em 1749, citando que no Rio Japurá habitava “uma nação de índios errantes e inconstantes, que não plantam mandioca, mas pescam, caçam e vivem do amadurecimento sazonal de frutas silvestres”, que ele chama de “Makus” (apud Wright, 2005, p.38). Pela localização, deduz-se que se referia aos Nadëb, com os quais certamente não teve contato sendo sua descrição baseada no que ouvia sobre os mesmos. Desde então, viajantes, exploradores e religiosos citaram, em vários momentos e lugares, diferentes povos desse grupo pelo título generalizante e pejorativo “Maku”, o que se estendeu até o final da década de 1960 quando os Kakua foram pesquisados de forma efetiva, o que chamou a atenção para os etnômios e distinções étnicas.

Desse conjunto de povos, os Yuhupdeh estão entre os menos pesquisados e conhecidos na literatura etnológica. A primeira referência a eles, deduzida pela localização, parece ser do cônego Francisco Bernardino de Souza (1873, p.118), ainda no século 19, ao se referir aos índios do Rio Apapóris:

As margens do Apapóris são habitadas pelas seguintes tribus:
Launas - Jupuas - Peluanas - Tiimtla - Puias - Jabahanas -
Macunas - Tocandiras - Uerimas - Barabatanas - Macus - Lacunas
- Cumacuihans - Juris. Todas estas tribus, com exceção da dos
Macus, são mui pacíficas.

Porém, a menção mais evidente vem de Theodor Koch-Grünberg quando este subiu o Rio Tiquié em 1904. O pesquisador alemão não teve contato direto com eles, mas os referiu de forma específica com base nas informações do seu guia, ao passar pela foz do Igarapé Ira e, mais à frente, do Igarapé Castanha:

Poucas horas acima da sua boca [Tiquié], onde ele tem quase 150m de largura, entra ao sul seu considerável afluente Ira-paraná que por ter água de cor preta-amarelada recebeu o nome de “Rio do Mel”. Seu percurso inferior está despovoado; mas na região de suas fontes, entre outros povos, encontram-se muitos Makú que em parte estão sedentários, e mais ao sul estão os Yahudna e Miránya (p.259).

De tarde passamos a boca do Castanha-Paraná, um respeitável afluente da direita [...] Com uma canoa leve subindo por sete dias, chagava-se a um “caminho ruim dos Makú” que numa marcha de cinco dias fazia uma conexão com o Yapurá (p.280).

Tais informações condizem com a tradição oral dos Yuhupdeh, segundo a qual, migraram da região do Pira-Paraná e Apapóris, pelo Rio Traíra, para os igarapés Ira e Castanha e, através destes, respectivamente para os igarapés Cunuri, Samaúma e Cucura.

Os Salesianos tiveram contato com os Yuhupdeh do Igarapé Ira que até hoje frequentam Taracuá-Distrito, bem como, com os do Igarapé Castanha que até hoje frequentam Pari-Cachoeira. Assim, Antonio Giacone (1949, p.87) reconhece que "chamam-se todos assim [Macu], mas pertencem a várias famílias, como provam os dialetos completamente diversos que falam". Dom Pedro Massa (1965, p.73,88) leva em consideração a existência, proposta por Chestmir Loukotka (1968), de seis grupos distintos, porém, faz clara confusão ao considerar uma indígena do Igarapé Japú (Húpd'äh) e outra do Igarapé Ira (Yuhupdeh), como sendo do mesmo grupo. Em sua pesquisa entre os Makuna, Fritz Trupp (1972, p.93) faz menção aos Yuhupdeh que habitavam a região do Apapóris e Traíra.

Mas foi somente em 1975 que os Yuhupdeh receberam atenção específica, quando os missionários-linguistas do, então, Summer Institute of Linguistics, Daniel Jore e Cheryl Jore, passaram quatro meses entre o grupo do Igarapé Ira, coletando uma quantidade razoável de palavras o que resultou na primeira análise linguística da língua Yuhup (Jore & Jore, 1980). Em 1986 Leonardo Reina Gutierrez, pesquisador colombiano, defendeu sua dissertação de mestrado na área de fonologia, como resultado

de pesquisa entre os Yuhupdeh da Colômbia. Em 1991, Dalva Del Vigna escrevia sua dissertação de mestrado, seguida pela dissertação de Aurise Lopes, em 1995, tendo ambas pesquisado o grupo do rio Apapóris no Brasil e escrito sobre a fonologia. Realizando suas pesquisas entre um pequeno grupo do Apapóris colombiano, Ana Maria Ospina defendeu sua dissertação de mestrado em 1995, sobre a morfologia do verbo, seguida por sua tese de doutorado em 2002, sobre a morfologia e sintaxe. A partir de 2006, Elisângela Silva e eu também nos dedicamos à análise fonológica e gramatical da língua, através de um projeto de educação intercultural bilíngue, junto aos grupos do Tiquié, resultando numa proposta ortográfica (2007a, p.10-16, 2007b, p.44-49) e na produção de materiais didáticos na língua materna, hoje em uso nas sete comunidades dessa área.

A pesquisa antropológica, entretanto, não foi tão produtiva (Ospina Bozzi, 2008, p.197,199). O primeiro etnólogo a estar entre eles foi Jorge Pozzobon, que em 1981 passou cerca de cinco meses entre os Yuhupdeh do Tiquié e Apapóris, resultando na sua dissertação de mestrado (1983), não sobre os Yuhupdeh especificamente, mas sobre a família linguística propondo algumas generalizações. Posteriormente, o mesmo etnólogo faria várias outras visitas à área e se referiria a eles em alguns dos seus textos apesar de nenhum especificamente sobre os Yuhupdeh (Pozzobon, 1991a, 1991b, 1997a, 1997b, 1999, 2000 e 2002). Pozzobon tornou-se não apenas um pesquisador, mas um ávido defensor dos “Maku”, lutando por eles na demarcação de suas terras. Na década de 1990, alguns pesquisadores colombianos estiveram entre os grupos do baixo Apopóris, em uma pesquisa sobre os nômades daquela área, o que resultou em três artigos específicos (Cabrera Becerra e outros, 1997; Franky Calvo e Mahecha Rubio, 1997; Mahecha Rubio, 2003) e várias menções em artigos gerais (Cabrera Becerra, 1999, 2005; Mahecha Rubio e outros, 1997, 2000). Em 1997, Gladys Angulo, também da Colômbia, escreveu sua monografia de graduação sobre os mesmos, e somente em outubro de 2010, Pedro Lolli defendeu a primeira tese de doutorado especificamente sobre os Yuhupdeh, se limitando, porém, àqueles do Igarapé Castanha ao analisar suas redes de trocas rituais sem contemplar a organização social⁶. Como se percebe, são exíguos os estudos antropológicos sobre o grupo que resultaram em apenas cinco publicações específicas, o que aponta a grande possibilidade e necessidade de acréscimos ao saber etnográfico sobre o mesmo.

4. YUHUPDEH, TUYUKA E BANIWA: Aspectos sociológicos comuns.

A partir deste ponto, sempre que forem mencionados de forma indiscriminada os Yuhupdeh, estarei me referindo àqueles do Tiquié. Nessa calha, os Yuhupdeh convivem com povos da família Tukano Oriental e com os Húpd'äh. Dos primeiros, seus contatos se dão principalmente com os povos Dessana, Tuyuka, Makuna, Tukano⁷ e Miriti-Tapuya. Elegi o povo Tuyuka como representante dos Tukano nesse texto para facilitar as comparações. A opção pelos Tuyuka deve-se ao fato dos Yuhupdeh manterem contato direto com estes e por terem as etnografias mais recentes dos Tukano Oriental, com elaborações teóricas de grande relevância para este estudo. Outra razão é que, como aponta Stephen Hugh-Jones (Cabalzar, 2009, p.10), em contexto Tukano, os Tuyuka fazem a ponte de ligação entre os grupos do Pira-Paraná e Uaupés e são os menos influenciados pela catequese Salesiana. Isso os aproxima comparativamente dos Yuhupdeh que, no contexto “Maku”, fazem a mesma ponte Pira-Paraná – Uaupés e são igualmente menos influenciados pela catequese. E, para fins comparativos mais amplos no âmbito regional, acrescento também breves descrições dos Baniwa, como representante dos Arawak, apenas para enriquecer o quadro geral.

Endogamia e Exogamia

A endogamia é o traço mais comumente apontado como elemento distintivo dos povos “Maku”, em contraste com os Tukano de padrão exogâmico (Árhem, 1989, p.8; Marques, 2009, p.34). Tal concepção provém dos próprios Tukano que se referem aos “Maku” como povos de hábitos animais por casar-se com seus próprios “parentes”. Os primeiros viajantes e religiosos adotaram esta concepção e, posteriormente, a mesma foi teorizada pela etnologia da região como endogamia étnica ou linguística. Pozzobon (1983, p.315,316) propôs uma endogamia regional a partir da noção de isolados matrimoniais, porém, à luz das constatações de Rivière ([1984] 2001) acerca da organização social da Guiana, conclui-se hoje que a tendência é mesmo a uma endogamia local (Marques, 2009, p.56). O espelho de tal fato, ou seja, o fenômeno social diametricamente oposto, é a exogamia linguística dos Tukano, que desenvolvem aliança e reciprocidade com outras etnias.

Ambas as impressões são válidas, porém, tal contraste parece ser feito entre unidades diferentes. Ao concluir, grosso modo, que os “Maku” são endogâmicos e os Tukano exogâmicos, faz-se passar despercebido a quais unidades sociais tais princípios se aplicam e quais os seus contrapontos. Se for válida a hipótese levistraussiana de que os conceitos de endogamia e exogamia estão presentes em todas as sociedades (Lévi-Strauss, [1949] 1982, p.85-91), cabe então perguntar qual a unidade exogâmica dos “Maku” e seu binômio de oposição estrutural mais próximo, a unidade endogâmica dos Tukano. Eis o desafio que enfrento nas próximas páginas.

Os Yuhupdeh praticam uma endogamia étnica, fato constatado e estudado por Pozzobon (1983) e novamente evidenciado em meu recente levantamento demográfico (Silva, 2010) no qual, dentre 69 casais 52 (75%) tem composição intraétnica. O mesmo apontou também a tendência à endogamia local, com 31 (45%) casais formados por pessoas da mesma comunidade ou mesmo igarapé. Por outro lado, ficou também evidente o princípio da exogamia clânica, com apenas 4 (6%) casais formados por pessoas do mesmo clã. Nesses casos, todos foram identificados e se autoidentificaram como de relação incestuosa, justificada quase sempre pela “*falta de mulheres*”. O termo linguístico para incesto é *hit ūh dō*, que significa literalmente “pegar uns aos outros”, termo relacionado ao hábito das traíras que, segundo o conhecimento regional, *bööy ūh wen*, “*comem umas às outras*”. Apesar de não haver sanção social, tal ato é reprovado, criticado e desencorajado pelos familiares envolvidos e pelo grupo como um todo, especialmente em conversas privadas.

Os clãs Yuhupdeh são as unidades exogâmicas de maior importância na organização social. Em levantamento demográfico cataloguei uma lista de pelo menos 16 clãs representados na região do Tiquié, que reproduzo a seguir:

Bööm-Uy-Rey – Clã tanga
Book-Uy-Reh – Clã chavascal
Buu’-Uy-Reh – Clã cupim
Dêh-Uy-Reh – clã água
Meeh-Pög-Uy-Reh – Clã sucuri
Moy-Uy-Reh – Clã macaco caiarana
Paç-Uy-Reh – Clã pedra
Pöh-Uy-Reh – Clã alto

Síc-Uy-Reh – Clã macaquinho
Saak-Têg-Uy-Reh – Clã buritizeiro
Sim-Uy-Reh – Clã mutum
Soop-Uy-Reh – Clã funil⁸
Tôh-Uy-Reh – Clã lagarta tôh⁹
Wak-Yuru’-Têreh – Clã japurá-paraná.
Wêt-Uy-Reh – Clã pássaro
Yãam-Uy-Reh – Clã onça

Segundo Marques (2009, p.142), Pozzobon teria concluído que a exogamia clânica dos “Maku” seria uma influência dos seus vizinhos Tukano, porém, tenho boas razões para discordar de tal interpretação, pois uma noção incorporada por influência externa dificilmente seria tão ativa e fortemente observada na dinâmica social de um povo. Os clãs Yuhupdeh não formam unidades corporativas e se encontram dispersos em várias comunidades, de forma que, com apenas uma exceção, suas comunidades são multi-clânicas.

Além da sua importância para a escolha de cônjuge, o clã é fundamental para a identificação étnica. Quando perguntado “qual a sua etnicidade?” ou, *niih yuhup am yih?*, literalmente “que tipo de gente é você?”, um Yuhup responde declinando sua filiação clânica: *paç-uy-yap ah yip*, “eu sou pedra”, por exemplo. A pertença a um clã é, portanto, a forma de se pertencer ao povo, ou seja, entre os Yuhupdeh sem filiação clânica não existe filiação étnica. O clã Yuhupdeh, assim, tem como funções primárias a distribuição de mulheres e a identificação étnica.

Os povos “Maku” são conhecidos na literatura por sua “fluidez”, “flexibilidade” ou “mobilidade” (Reid, 1979, p.96,97; Pozzobon, 1983, p.240; Athias, 1995, p.222), tendo como uma das suas manifestações o “descumprimento” de regras e isso é fato facilmente observável entre os Yuhupdeh. Já sabemos, porém, especialmente pelos textos de Jean Jackson ([1972] 1983, p.71), que fluidez não é uma marca exclusiva dos “Maku”, pois os Tukano também, se comparados com povos de outras áreas etnográficas, possuem um considerável grau de fluidez social.

Curiosamente, entretanto, no que tange ao padrão preferencial de união matrimonial, meus dados apontam para um alto grau de observação da exogamia clânica e proximidade entre o ideal e o real. Os Yuhupdeh têm como modelo ideal o casamento entre clãs, dando preferência aos primos cruzados bilaterais num sistema prescritivo de troca. O casamento entre primos cruzados é pouco frequente, mas a exogamia clânica é efetiva, com 94% dos casamentos segundo a regra exogâmica, de um total de 69 casais pesquisados. Tal padrão observa-se não somente com casais vivos, mas também pode ser constatado nas gerações anteriores. No mesmo levantamento demográfico obtive dados detalhados e criteriosos de outros 115 casais já falecidos, todos da primeira à terceira geração ascendente, e desses apenas 8 são intraclânicos, ou seja, 93% de casamentos obedecem a

regra de exogamia clânica. Tais dados, portanto, se chocam com a habitual classificação etnológica de fluidez, flexibilidade e inobservância da preferência matrimonial.

Segundo Marquez (2009, p.166), Pozzobon (2000, p.49-50) apresenta dados quantitativos sobre a composição dos casamentos “Maku” que, em média, atingiriam o percentual de 44% de descumprimento da exogamia clânica. Os Húpd’äh seriam os maiores contraventores, com percentual bem acima da média, atingindo 56% de “casamentos errados”. Certamente tais percentuais levam em consideração as metades clânicas, que não se observa entre os Yuhupdeh. De qualquer forma, os Yuhupdeh seriam uma disparidade dentro do sistema “Maku” com apenas 6% de “casamentos errados”.

Os dados quantitativos das uniões matrimoniais condizentes com o padrão social permitem concluir que o mesmo princípio exogâmico dos Tukano é ativamente efetivo entre os Yuhupdeh, diferindo apenas da unidade que aloja o mesmo. Enquanto para os Tukano a unidade exogâmica para alguns é a etnia e para outros um conjunto frátrico de etnias, para os Yuhupdeh, os dados etnográficos que possuiu indicam que a unidade exogâmica é o clã. Portanto, o fato é que, nesse aspecto, o clã é para os Yuhupdeh o que a unidade linguística ou étnica é para os Tukano.

Voltando ao contraste e dando sequência à mesma linha de raciocínio, resta-nos saber, no contraponto, qual a unidade endogâmica dos Tukano. Århem (1981, p.180), etnólogo dos Makuna, elaborou a noção de “grupo de aliança local”, apontando a tendência dos mesmos de se casarem com afins espacialmente próximos. S. Hugh-Jones (1993, p.100) e C. Hugh-Jones (1979, p.33), expandiram tal conceito com as noções respectivas de “grupo de descendência simples” e “campos sociais” dos Barassana, que seriam esferas sociais formadas por várias malocas ou comunidades próximas, com forte tendência dos casamentos realizarem-se no interior das mesmas, ou seja, há uma tendência à endogamia entre malocas vizinhas, quando estas são de outras etnias. Aloísio Cabalzar (2000, p.66), vai além e propõe a noção de “nexo regional” Tuyuka, chegando a chamá-lo também de “nexo endogâmico” para o caso dos sibs de baixa hierarquia. O fato é que a região Pira-Paraná – Uaupés forma um bloco endogâmico Tukano (C. Hugh-Jones, 1979, p.12; Cabalzar, 2009, p.38).

A ideia geral em tais propostas é que mesmo os Tukano apresentam uma tendência de se casarem com pessoas sócio e espacialmente próximas o que, como resultado dos princípios da aliança e reciprocidade, gera unidades endogâmicas regidas pela proximidade socioespacial. Via de regra, Tukano não busca esposa entre os Baniwa do Rio Içana, por exemplo. Mesmo com a forte prática de exogamia linguística, é acertado afirmar que há uma endogamia regional entre os Tukano, variando de esfera mais ampla para mais restrita de grupo para grupo, porém, sempre em âmbito regional dando preferência a mulheres da própria família etnolinguística. Transitando entre a antropologia e sociologia, Dan García (2002, p.129-130) afirma que a endogamia é a regra geral e a exogamia a exceção, para diferentes grupos e em diferentes contextos socioculturais. Se assim for, podemos propor que todos os grupos dessa área são, em certa esfera, endógamos e essa endogamia é regida pela proximidade socioespacial respeitando-se os limites das unidades exogâmicas.

Apesar de não haver relação entre Yuhupdeh e os povos Arawak, podemos acrescentar aqui o caso Baniwa para fins de comparação regional. Geralmente classificados como exogâmicos (Wright, 2005, p.20), os Baniwa apresentam de igual forma os princípios de endogamia e exogamia aplicados a diferentes unidades sociais. Sua unidade exogâmica é a fratria¹⁰, formada por vários sibs (Garnelo, 2003, p.21,22; Wright, 2005, p.20,21), sendo consequentemente endogâmicos a nível étnico, como os “Maku”. E, apesar dos meus dados quantitativos se referirem a uma comunidade apenas, meu convívio com famílias Baniwa há cinco anos me leva a supor que há igual tendência à endogamia local ou, pelo menos, a “campos sociais” conforme proposta de C. Hugh-Jones (1979, p.33), baseada no princípio de proximidade socioespacial. Se assim for, temos também entre os Arawak a mesma disposição endogâmica: proximidade socioespacial. O que os difere, portanto, é a unidade exogâmica.

Dessa forma, a atenção dada à endogamia “Maku” como seu principal traço identitário parece desproporcional e leva à omissão de dados importantes. De certa forma, todos os grupos da região, incluindo Tukano e Arawak, são endogâmicos se orientando pela proximidade socioespacial, em tese, respeitando os limites da unidade exogâmica. Quanto mais próximo se conseguir uma esposa, melhor. Se assim for, e creio que assim o

é, o importante para nosso estudo é observar a quais unidades sociais aplicam-se o princípio da exogamia ou, dizendo em outras palavras, quais são os limites da endogamia em cada grupo. Aí teremos distinções interessantes e que constituem marcas de fato identitárias.

Povo/Família	Exogamia	Endogamia
Yuhupdeh / “Maku”	clã	proximidade socioespacial
Baniwa / Arawak	fratria	proximidade socioespacial
Tuyuka / Tukano Oriental	etnia	proximidade socioespacial

Fonte: Elaboração própria - Tabela 1 – Relação exogamia/endogamia

Igualitarismo e Hierarquia

Ainda ligada aos clãs, as noções de hierarquia e igualitarismo formam um tópico importante no estudo dos grupos do Alto Rio Negro. É de conhecimento geral que os povos Tukano são marcados por uma ordem hierárquica entre os sibs e no interior desses entre os segmentos de sibs ou sub-sibs. Tal hierarquia tem origem mitológica na história da canoa da transformação, indicada pela posição que os ancestrais de cada sib ocupavam na cobra-canoa (os maiores na cabeça e os menores na calda), bem como, pela ordem de transformação dos mesmos com os maiores saindo primeiro.

Cabalzar (2009, p.143-152) registra a existência de pelo menos 15 sibs Tuyuka, os quais se organizam em três conjuntos de sibs associados, cada conjunto possuindo sua própria hierarquia interna. O sib *Opaya* é considerado o irmão maior, de mais alta hierarquia, em oposição ao sib *Dasia*, irmão menor, de mais baixa hierarquia. Todos os sibs possuem relação agnática, tendo assim restrição matrimonial entre os mesmos. Há também, ainda que frágil e inconsensual, uma relação agnática com dois outros povos da família linguística, os Karapanã e os Miriti-Tapuya, igualmente com relação hierárquica entre os mesmos, sendo os primeiros considerados irmãos maiores e os segundos irmãos menores. O casamento entre eles é interdito e, portanto, formam uma fratria, sendo essa a mais abrangente esfera exogâmica dos Tuyuka (idem, p.130).

Nesse caso, os Yuhupdeh realmente apresentam uma configuração mais distinta. Numa tentativa de generalização a partir dos dados dos Kakua (Silverwood-Cope, [1972] 1990, p.119-124) e Húpd’äh (Reid, 1979, p.112),

Pozzobon (1983, p.108, 148, 264-9) propôs que os clãs Yuhupdeh também formam séries exogâmicas de clãs relacionados agnática e hierarquicamente, com casamentos restritos entre si. Acrescentou que tal hierarquia era pouco valorizada, que tais restrições eram frequentemente burladas e que os conjuntos agnatas estavam caindo em desuso podendo se converter em uma “pan-mixia” com os clãs como únicas unidades exogâmicas. Três décadas depois, não existe qualquer relação agnática nem hierárquica entre os clãs Yuhupdeh. Tanto as informações dos mesmos quanto os dados estatísticos dos matrimônios atuais apontam para tal fato. Não há qualquer restrição de casamento entre nenhum dos seus clãs, nem relação hierárquica. Todos mantêm relações igualitárias e de afinidade uns com os outros. Curiosamente, todos os idosos da atualidade afirmam que na época dos seus avós já era assim como hoje e os dados dos 115 matrimônios de até três gerações passadas que tenho confirmam tal informação.¹¹

As categorias sociais dos Yuhupdeh evidenciam a relação de afinidade interclânica. Há três formas linguísticas de se referir ao outro. *Tih yuhup yap* é o “parente”, não apenas consanguíneo, mas todo agnato, sendo o termo usado para se referir a todas as pessoas do mesmo clã, próximas ou distantes, conhecidas ou desconhecidas, com as quais o casamento é interditado. *Tiip daak yap* é o “afim” da própria etnia, sendo o termo usado para se referir as todas as pessoas de outros clãs Yuhupdeh, com as quais o casamento é liberado. E, *tih yuhup wap* é o “não-parente”, termo usado para todas as pessoa de outras etnias com as quais também não há qualquer restrição matrimonial. Outra evidência de afinidade entre os clãs é que cada um se refere aos demais como *in yoh* “nossos cunhados”, jamais como *in sät* “nossos irmãos”.

Enquanto nas narrativas míticas Tukano os ancestrais dos seus sibs saíram todos em um só lugar¹², para os Yuhupdeh os ancestrais dos seus clãs saíram em diferentes lugares. E também não saiu apenas um ancestral de cada clã, mas grupos de pessoas, famílias inteiras de cada clã. Assim, os primeiros *Yāam-uy-reh* “clã onça” se transformaram nas proximidades da Serra Tukumã e os *Soop-uy-reh* “clã funil” na Serra Bacurau, ambas do Igarapé Ira. Os *Pác-uy-reh* “clã pedra” se transformaram no Rio Traíra e outros clãs nos rios Apapóris e Japurá.¹³ A dispersão das transformações dos primeiros ancestrais já indica o igualitarismo clânico. É possível que, entre os “Maku”, agnação e

hierarquia clânica sejam particularidades dos Húpd'äh e Kakua, quem sabe dada à maior proximidade com povos Tukano. Não há referência de tais elementos sociais entre os Nadëb e os etnólogos dos Dâw e Nukak afirmam sua inexistência entre aqueles (Assis, 2001, p.27; Mahecha Rubio e outros, 2000, p.184).

No entanto, há entre os Yuhupdeh uma noção de hierarquia entre subclãs. Os clãs possuem segmentações geralmente nomeadas como “grandes” e “pequenos”. O clã *Book-Uy-Reh*, “chavascal”, por exemplo, se divide em *Book-Uy-Pög* “chavascal grande” e *Book-Uy-Têh* “chavascal pequeno”. Algumas *Yāam-Uy-Reh* “onça”, o clã mais populoso do Tiquié, nomeiam seus seguimentos como *Yāama-Wih* “onça vespa” (grande) e *Weg-Yāam-Tereh* “filhos da areia da onça” (pequeno), todos habitando diferentes comunidades.

Entretanto, esse conceito de hierarquia é frágil e inconsensual. Até hoje encontrei um único Yuhup que se identifica como do subclã “menor”, com todos os demais se identificando como “grandes”. Também não temos ocorrência na área do Tiquié de co-residência de subclãs, de forma que cada pessoa se identifica como “maior” apontando como “menores” aqueles grupos do seu clã que moram em outras comunidades. Isso indica que, tal qual os sibs Tuyuka, os subclãs Yuhupdeh estão ligados à residência. Portanto, o subclã Yuhupdeh equivale, grosso modo, ao sib Tukano havendo entre os subclãs agnação com restrição matrimonial e hierarquia, ainda que frágil e inconsensual. Dessa forma, como no caso da exogamia, vemos novamente o mesmo princípio estruturador dos Tukano presente nos Yuhupdeh, porém, alocado em unidades distintas. Entre as etnias Tukano há igualitarismo no exterior e hierarquia no interior, assim como entre os clãs Yuhupdeh.

Lançando mão novamente dos dados Baniwa, temos nestes uma configuração intermediária, pois seus sibs formam fratrias e essas formam o povo. Segundo Luiza Garnelo (2003, p.21) os Baniwa são formados por cinco ou seis fratrias, nomeadas e associadas a territórios específicos, sendo que apenas três habitam território brasileiro: *Walipere-Dakenai* e *Dzawenai* no Rio Içana e *Hohodene* no Rio Ayari. Meus dados apontam uma quarta fratria: *Adzaneni*. Cada uma é subdividida em quatro ou cinco sibs os quais, como no caso dos sibs Barassana (C. Hugh-Jones, 1979, p.13), tradicionalmente possuem especialidades exercendo controle de áreas como

agricultura, caça, pesca e atividades rituais. As fraternias têm status igualitário entre si e, no seu interior, os sibs mantêm relações hierárquicas. O status hierárquico de tais sibs é determinado por um critério diferente dos Tukano. Robin Wright (2005, p.20) cita como exemplo a fratria *Hohodene*, na qual o terceiro sib que saiu da *Hipana*, sítio de origem de todos os ancestrais, nascido numa ordem de cinco sibs, é considerado de maior hierarquia por ter surgido no meio do dia, quando o sol estava a pino. Já o sib *Walipere-Dakenai* foi o último a nascer do seu grupo, mas possui a mais alta hierarquia por representar a “cabeça” da constelação das plêiades, às quais seu nome se refere. Diferente dos Tukano, as fraternias Baniwa são nomeadas, recebendo o nome do seu sib de maior status.

Assim, temos os Tuyuka/Tukano com hierarquia em todas as unidades sociais, do sib à fratria formada por três povos, os Baniwa/Arawak com hierarquia apenas entre os sibs, e os Yuhupdeh/“Maku” com hierarquia apenas entre os subclãs.

Povo/Família	Unidades Sociais	Hierarquia
Yuhupdeh / “Maku”	etnia clã subclã	intraclânica
Baniwa / Arawak	etnia fratria (conjunto de sibs) sib	intrafrátrica
Tuyuka / Tukano	fratria (conjunto de povos) etnia conjunto de sibs sib sub-sib	intraétnica

Fonte: Elaboração própria - Tabela 2 – Relação unidades sociais / hierarquia

Aliança e Descendência

Tradicionalmente, a região do Uaupés e Pira-Paraná apresentava uma configuração contrastiva entre os Tukano, agricultores sedentários que habitavam malocas unilaterais, formadas por sub-sibs, riquíssimas em simbolismos sociorrituais, e os “Maku”, caçadores nômades, habitantes de tapiris improvisados e bilaterais, com função única de abrigo sem qualquer

valor ritual. O contato com as várias frentes de expansão, em especial a catequese Salesiana, resultou na substituição das tradicionais malocas por comunidades formadas por casas de famílias nucleares. Não apenas a habitação, mas a organização social local também sofreu alterações, agora com co-residência não apenas de agnatas, mas também de afins. Considerando apenas os homens, das comunidades Tuyuka descritas por Cabalzar (1999, p.243,247) apenas uma é monoétnica. Todas as demais têm presença de vários sibs Tuyuka e apresentam uma formação multiétnica, com presença especialmente de Bará e Makuna.

Se para os Tukano o impacto foi a transição de malocas para comunidades, para os Yuhupdeh o forte impacto foi a formação de comunidades em si, envolvendo um processo de sedentarização. Tal processo é relativamente recente tendo se efetivado nos últimos 40 anos apenas, pois até o início da década de 1970, os relatos que temos são de famílias que transitavam pelos igarapés e seus interflúvios, tendo vários acampamentos de pesca e caça como referência, porém, sem residência fixa em nenhum deles. As tentativas de catequese dos Yuhupdeh foram frustradas dadas a sua mobilidade e isolamento nas cabeceiras dos igarapés. Um sinal evidente de tal fato é a ausência de comunidades populosas, comum entre os Húpd'äh, resultantes de aglomeração de famílias para catequese. As comunidades Yuhupdeh são reduzidas a poucas famílias, com uma média de 41 pessoas, variando entre a menor com 20 e a maior com 70.

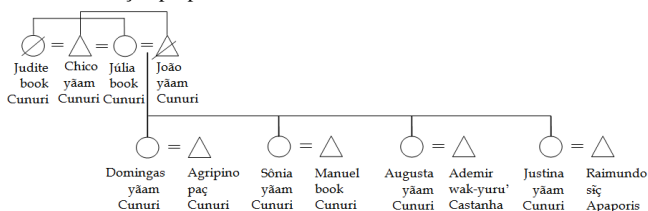
Tornou-se geral na etnologia da região relacionar a habitação virilocal Tukano com o padrão uxorilocal "Maku". Em sua excelente revisão bibliográfica da etnologia da região, Cabalzar (2009, p.68) aponta o fato da maioria dos autores partirem do pressuposto de que os grupos Tukano são todos estruturados pelo princípio da descendência/agnação. Em antítese, o mesmo pressuposto aponta os "Maku" como estruturados pelo princípio da aliança/cognação, o que seria uma consequência esperada do seu sistema endogâmico (Pozzobon, 1983, p.183; 1991, p.95; Reid, 1979, p.126-9). No entanto, Århem (1981, p.22) propôs uma complementaridade entre as noções de descendência e aliança para o caso Makuna, a primeira ordenando o âmbito local e a segunda as demais esferas. S. Hugh-Jones ([1979] 1981, p.100) propõe algo similar sobre os Barassana e Cabalzar (2000, p.80,81; 2009, p.256) conclui que assim o é no caso Tuyuka. Logo, a

etnologia dos Tukano passa a trabalhar com o conceito de grupos concêntricos, que distinguem centro de periferia, com as noções de descendência e aliança como complementares.

Meus dados sobre os Yuhupdeh apontam para a mesma direção. Tanto a escolha matrimonial quanto a formação dos grupos locais, são orientadas pela descendência/agnação, apesar de o princípio da aliança/cognação também se fazer presente. O que temos é uma grande variação na formação dos sete assentamentos do Tiquié, com extremos como o caso de São Felipe do Igarapé Cunuri com uma configuração totalmente matrilocal, com quatro irmãs casadas vivendo em torno da mãe viúva, agora no segundo casamento. Assim, dos cinco casais ali existentes, todas as mulheres são do clã *Yāam* “onça”, enquanto os cinco homens são todos de clãs diferentes.

Genealogia 1 – Formação da comunidade São Felipe, Igarapé Cunuri

Fonte: Elaboração própria

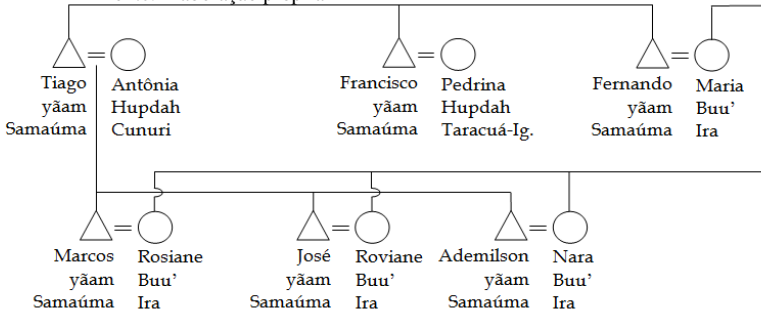


Trata-se, porém, de um caso excepcional mais relacionado ao temperamento forte da matriarca da comunidade do que a um padrão de residência. Com sua personalidade centralizadora, essa senhora é conhecida por “sovinar suas filhas” impedindo que as mesmas sigam seus maridos, o que é visto por todos como algo incomum.

No outro extremo temos a comunidade Santa Rosa do Igarapé Samaúma, com uma configuração totalmente patrilocal, formada por três irmãos com seus três filhos/sobrinhos e respectivas esposas, todas elas vindas de outras comunidades. Há ali uma interessante amostra de aliança com início de um processo de reciprocidade, pois quatro das seis mulheres são irmãs e, recentemente, uma das filhas do casal mais antigo casou-se com o irmão das suas cunhadas, indo morar na comunidade do mesmo.

Genealogia 2 – Formação da comunidade Santa Rosa, Igarapé Samaúma

Fonte: Elaboração própria

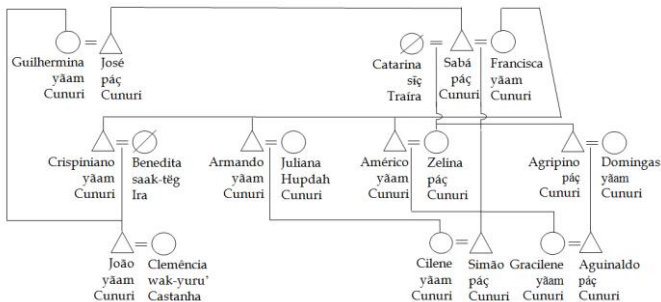


Essa é a comunidade mais tradicional, menos influenciada pela sociedade externa, com menor índice de compreensão da língua portuguesa e menos escolarização, mantendo também o padrão mais próximo do ideal Yuhupdeh. Porém, de igual forma não representa o geral, pois as outras seis comunidades apresentam uma formação bilateral, em que descendência e aliança se complementam.

Uma comunidade bem representativa é São Domingos Sávio do Igarapé Cunuri, formada por um núcleo consanguíneo do clã *Yãam* “onça” com três irmãos e um filho/sobrinho que agregam, através de alianças matrimoniais, cinco afins do clã *Páç* “pedra” que formam um segundo núcleo consanguíneo.

Genealogia 3 – Formação da comunidade São Domingos Sávio, Igarapé Cunuri

Fonte: Elaboração própria



As demais comunidades apresentam composição similar, algumas com maior representatividade clânica. Assim, São Martinho do Igarapé Cunuri é formada por um núcleo consanguíneo de quatro homens do clã *Yãm* “onça” que agregam dois afins Húpd’äh. Guadalupe do Igarapé Ira possui três núcleos dos clãs *Yãm* “onça”, *Soop* “funil” e *Buu* “cupim”. Cucura São João do Igarapé Cucura se articula com núcleos dos clãs *Book* “chavascal”, *Saak-Tëg* “buritizal” e *Tõh* “lagarta”, agregando também representantes *Sih* “macaquinho”, *Saak-Tëg* “buritizal” e Tuyuka. Por fim, São Joaquim do Castanha apresenta a formação mais complexa, com núcleos dos clãs *Book* “chavascal”, *Buu* “cupim” e *Wak-yuru* “japurá-paraná”, que agregam ainda representantes do clã *Saak-Tëg* “buritizal” e *Põh* “alto”, além de representantes Makuna¹⁴.

Tais dados atestam a faticidade da fluidez dos assentamentos “Maku” tão mencionada na etnologia da região, dando a impressão da ausência de um padrão geral. Contestam, porém, as afirmações generalizadoras da suposta residência uxorilocal, pelo menos no caso Yuhupdeh. O que temos são comunidades de formação multiclânica, por vezes multiétnicas, estruturadas em pequenos núcleos consanguíneos que estabelecem relações com núcleos afins através de matrimônios. Logo, há um princípio agnático nessas formações, ainda que minimalista.

As afirmações de tendência à endogamia local são acertadas sendo propiciadas pela configuração multiclânica. No entanto, dos 69 casais pesquisados apenas 31 (45%) casaram-se localmente o que nos leva a concluir que, apesar da real tendência de endogamia local essa se efetiva, via de regra, respeitando-se os limites da unidade exogâmica. Ou seja, apesar de não formarem unidades corporativas nem possuírem vínculo territorial, os clãs são de fundamental importância na formação das comunidades, através dos núcleos consanguíneos locais. Casa-se com co-residentes quando as tem de outros clãs. Logo, o princípio da aliança não é o único nem principal eixo estrutural dos assentamentos Yuhupdeh. Ele está presente, porém, articulado ao princípio da descendência que funciona como eixo estrutural dos núcleos consanguíneos.

Isso fica mais evidente em momentos de fissões. Quando, geralmente por conflitos internos, uma comunidade se divide, a ruptura se dá entre os núcleos consanguíneos, estruturados pela descendência. Segundo Pozzobon (1983, p.188-92) e as informações orais dos mais

velhos, até final da década de 1960 quatro famílias transitavam pelos Igarapé Cunuri e Igarapé Ira, em 1974 os Salesianos reuniram essas famílias em comunidade para abertura de uma escola. Pouco tempo depois, uma briga fissionou o grupo, formando assim duas comunidades. Abaixo ficou o núcleo *Yāama-Wih*, subclã *Yāam* “onça”, com seus agregados Húp’d’äh, e acima ficaram os núcleos *Weg-Yāam-Tereh*, outro subclã *Yāam* “onça”, e *Páç* “pedra”. Ou seja, no momento da fissão, separaram-se os núcleos consanguíneos ordenados pela descendência.

Outro dado que evidencia a noção agnática, é o percentual de irmãos reais co-residentes. Pozzobon (1983, p.202) conclui que o princípio de ajuntamento e residência é: “co-residem os afins e dispersam os agnatas”. No entanto, dos 60 homens casados que habitam comunidades Yuhupdeh, 28 (47%) co-residem com seus irmãos reais, 12 (20%) não têm irmãos casados e co-residem com seus pais, 7 (11,5%) não têm irmãos casados e seus pais já faleceram, mas residiram com eles até o final de suas vidas e permanecem residindo com seus consanguíneos, e somente 13 (21,5%) residem longe dos irmãos reais tendo mudado para a comunidade da esposa. Portanto, 79,5% seguem o padrão de residência agnática contra 21,5% de residência cognática. Árhem (1981, p.249) refere-se aos Makuna como uma “agnação fraca” pelo fato de apenas 38% dos irmãos reais co-residirem. Temos aqui, portanto, um contraponto que apresenta os Yuhupdeh não tão “fracos” assim quanto à noção agnática.

Meus dados Baniwa apontam para uma organização muito similar, excetuando a fluidez. Nazaré do Içana é formada por 36 casais, sendo 20 homens da fratria *Walipere-Dakenai* com mais 1 Tukano agregado e outros 15 de 3 sibs da fratria *Adzaneni*. Desses casamentos, 20 se realizaram localmente o que evidencia uma configuração de dois núcleos agnáticos (descendência) que trocam esposas entre si (aliança). Apenas 6 homens vieram de outras comunidades, portanto, o percentual de residência agnática é de 83%.

Assim, a análise da formação residencial de tais povos traz a tona mais um elemento comum, com variantes de abrangência apenas. O princípio geral é que a noção da descendência é mais ativa no interior e a aliança no exterior. Para os Tuyuka, o interior diz respeito às comunidades, para os Baniwa aos núcleos frátricos e para os Yuhupdeh aos pequenos núcleos clânicos. No interior dessas unidades, opera a descendência e além

das mesmas, a aliança. Portanto, os Yuhupdeh novamente são regidos por uma mesma noção, porém, seu campo operacional que é reduzido, apresentando-se como a estrutura social mais elementar dessa região.

Povo/Família	Esfera da Descendência	Esfera da Aliança
Yuhupdeh / “Maku”	Núcleo clânico local	Demais unidades
Baniwa / Arawak	Núcleo frátrico local	Demais unidades
Tuyuka / Tukano	Núcleo étnico local	Demais unidades

Fonte: Elaboração própria - Tabela 3 – Relação descendência / aliança

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esforcei-me ao longo desse texto para relativizar os contrastes entre os Yuhupdeh, Tuyuka e Baniwa seguindo a hipótese de que esses povos se organizam pelos mesmos princípios básicos de exogamia, hierarquia e descendência. A diferença está, não nas noções de organização social, mas nas unidades às quais se aplicam tais noções. No entanto, as noções de endogamia, igualitarismo e aliança estão igualmente presentes, também alocadas em diferentes unidades sociais. A combinação complementar dessas noções binárias aproxima tais povos à categoria proposta por Overing Kaplan (1975, p.2) de povos orientados pela descendência e aliança, não apenas por uma ou outra.

Assim, os Yuhupdeh etnicamente endógamos têm como unidades exogâmicas os clãs, que mantêm relações de afinidade e igualitarismo entre si, mas se dividem em subclãs com relação agnática e hierárquica, formando assentamentos bilaterais com núcleos consanguíneos baseados na descendência e afins agregados por aliança. Já os Baniwa, igualmente endógamos a nível étnico, se estruturam em conjuntos de sibs que formam fratrias exogâmicas com relações de afinidade e igualitarismo ente si, porém, com relações agnáticas e hierárquicas no interior, formando comunidades com diferentes núcleos frátricos baseados na descendência que mantêm relações baseadas em alianças matrimoniais. Por fim, os Tuyuka, de organização mais complexa, se organizam com relações de agnação e hierarquia em todas as suas esferas internas, formando comunidades baseadas na descendência, porém, se revelam igualmente endógamos a nível regional, mantendo relações de afinidade e igualitarismo com povos vizinhos numa rede de alianças nos nexos regionais.

Dessa forma, o que fica evidente é que os Yuhupdeh possuem o modelo social mais elementar dessa área etnográfica. Rivière ([1984] 2001 p.140) sugere que a Guiana apresenta a forma de sociedade mais simples das terras baixas sul-americanas, o que passou a ser conhecido como sociedades “atomistas” ou “minimalistas”. Aproximando as descrições “Maku” do modelo guianense, Pozzobon (*apud* Marques, 2009, p.167-168) propôs que os mesmos formariam um “cognatismo minimalista”. O cognatismo guianense se refere à morfologia de pequenos grupos locais dispersos, fluidos e fechados, idealmente endogâmicos, com ausência de grupos hierárquicos, relação agnática e unidades de unificação.

Noções	Yuhupdeh/“Maku”	Baniwa/Arawak	Tuyuka/Tukano
Exogamia	clãs	fratria	etnia
Endogamia	etnia	etnia	família linguística
Hierarquia	entre os subclãs	entre os sibs	em todas as esferas
Igualitarismo	entre os clãs	entre as fratrias	entre as etnias
Descendência	núcleo local	núcleo fraterno	núcleo étnico
Aliança	além do núcleo local	além o núcleo fraterno	nexo regional

Fonte: Elaboração própria - Tabela 4 – Noções sociais e suas unidades de alocação

Como vimos, os Yuhupdeh possuem unidades de unificação ativas, sua exogamia clânica é efetiva e sua noção de descendência é real. Logo, o que possuem de mais comum com as sociedades guianenses não são exatamente as noções sociais, mas o minimalismo das unidades sociais que alocam tais noções. Ou seja, as noções são as mesmas dos Tukano e Arawak, mas as unidades sociais são elementares em relação às daqueles. Assim, proponho aqui que os Yuhupdeh, e possivelmente os “Maku”, representem sim um “agnatismo minimalista”. Se entendermos que o clã Yuhupdeh equivale à etnia Tukano e à fratria Arawak, tudo isso fará sentido.

E, apenas como comentário final, acrescento que essa leitura da organização social Yuhupdeh não é isolada dentro da etnologia “Maku”. Os Nukak do Rio Inirida, grupo “Maku” mais recentemente contatado, sem contatos com grupos Tukano e menos influenciado pela sociedade externa, apresenta uma organização muito similar (Cabrera Becerra e outros, 1999).

Etnicamente endógamos (p.165) têm como unidades exogâmicas os clãs (p.151) e mantêm relações de afinidade e igualitarismo entre si (p.152; Mahecha Rubio e outros, 2000, p.184), não formam metades ou fratrias (p.152), mas se dividem em seguimentos de clãs ligados à residência (p.146,152), formando assentamentos com núcleos consanguíneos baseados na descendência e núcleos afins agregados por aliança (p.160). A diferença desses com os Yuhupdeh, é que não apresentam noção de hierarquia em nenhuma esfera. Curiosamente, das noções aqui analisadas essa é a mais diluída e inconsensual entre os Yuhupdeh, provavelmente, uma noção importada.

6. REFERÊNCIAS

ANGULO SANDOVAL, Gladys. «**Esa gente no sirve... nosotros sí somos buenos.**» Relaciones interétnicas entre los Yujup-Makú y otros grupos indígenas del Amazonas colombiano. Bogotá: Universidad de los Andes, 1997 (monografia de graduação).

AIKHENVALD, Alexandra Y. e DIXON, Robert M. W. **Evidentials and areal typology**: A case study from Amazonia. *Language Sciences* n.20, 1998, p.241-257.

ÂRHEM, Kaj. **The Makú, the Makuna and the guiana system**: Transformation of social structure in northern lowland South America. *Ethnos*, n.1-2, 1989, p.5-22.

ÂRHEM, Kaj. **Makuna social organization**: A study in descent, alliance, and the formation of corporate groups in the North-Western Amazon. *Uppsala Studies in Cultural Anthropology*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1981.

ASSIS, Elias Coelho. **Patrões e fregueses no Alto Rio Negro**: As relações de dominação no discurso do povo Dâw. São Gabriel da Cachoeira: UFAM, 2001 (monografia de graduação).

ATHIAS, Renato Monteiro. **Hupdê-Maku et Tukano**: Relations inégales entre deux sociétés du Uaupés, amazonien (Brésil). Paris: Univ. de Paris X, 1995 (tese de doutorado).

BOLAÑOS QUIÑÓNEZ, Katherine Elizabeth. **Kakua phonology**: First approach. Texas: University of Texas at Austin, 2010 (dissertação de mestrado).

CABALZAR, Aloisio. **Filhos da Cobra de Pedra**: Organização social e trajetórias Tuyuka no rio Tiquié (noroeste amazônico). São Paulo: Unesp, ISA; Rio de Janeiro: Nuti, 2009 [1995].

CABALZAR, Aloisio. **Descendência e aliança no espaço Tuyuka: A** noção de nexos regional no noroeste amazônico. In: *Revista de Antropologia*, v.43, n.1, 2000, p.61-88.

CABALZAR, Flora. **Até Manaus, até Bogotá.** Os Tuyuka vestem seus nomes como ornamentos: Geração e transformação de conhecimentos a partir do alto rio Tiquié (noroeste Amazônico). São Paulo: USP, 2010 (Tese de doutorado).

CABRERA BECERRA, Gabriel. **El sedentarismo de los pueblos makú y el empobrecimiento de la biodiversidad:** Una visión comparada entre los Nukak y los Juhup de la Amazonia colombiana. En: *Astrolabio*, Vol.4, n.2, p.61-72. Bogotá: Centro de Estudios Sociales, Gimnasio Campestre, 2005.

CABRERA BECERRA, Gabriel. **Gentes con cerbatana, canasto y sin canoa.** *Nómadas*, n.10, p.144-155. Bogotá: Fundação Gaia, 1999.

CABRERA BECERRA, Gabriel, FRANKY CALVO, Carlos Eduardo y MAHECHA RUBIO, Dany. **Los nukak:** nómadas de la Amazonía colombiana. Santafe de Bogota: Universidad Nacional de Colombia/Fundación Gaia Amazonas, 1999.

CABRERA BECERRA, Gabriel, FRANKY CALVO, Carlos Eduardo y MAHECHA RUBIO, Dany. **Del monte a la chagra, de la cerbatana a los anzuelos:** Una aproximación a los yujup del río Apaporis. Bogotá: Fundación Gaia Amazonas, 1997.

CARVALHO, Marcelo. **Os Hupdah e o letramento na língua materna:** A escrita como elemento de valorização de um povo preterido. *Revista Antropos*, ano 1, n.1, pp.1-32, novembro 2007.

DEL VIGNA, Dalva. **Segmentos complexos da língua Yuhup.** Brasília: UnB, 1991 (dissertação de mestrado).

EPPS, Patience Louise. **Grammar of Hup.** Charlottesville: University of Virginia, 2005 (tese de doutorado).

FRANKY CALVO, Carlos Eduardo y MAHECHA RUBIO, Dany. **Los Yuhup del bajo Apaporis**: Entre la flexibilidad y la clandestinidad. El arte de la relaciones multiculturales. *Ponencia VIII*, Congreso de Antropología em Colombia. Popayán, 1997.

GARCÍA, Dan Rodríguez. **Endogamia, exogamia y relaciones interétnicas**: Un estudio sobre la formación y dinámica de la pareja y la familia centrado en inmigrantes de Senegal y Gambia entre Cataluña y África. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2002 (tese de doutorado).

GARNELO, Luiza. **Poder, hierarquia e reciprocidade**: Saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de sociedades**: Índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIACONE, Padre Antônio. **Os Tucanos e outras tribus do Rio Uaupés afluente do Negro Amazonas**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1949.

GOLDMAN, Irving. **The Cubeo**: Indians of the Northwest Amazon. Urbana: University of Illinois Press, 1963.

GOMES, Maria Rodrigues. **Nadëb do Rio Negro** – quem foi e quem é? *Revista Antropos*, vl. 2, ano 1, 2008, pp.71-119.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dois anos entre os indígenas**: Viagens ao nordeste do Brasil (1903-1905). Manaus: EDUA/FSDB, 2005.

KUMU, Umúsin Panhôn & KENHÍRI, Tolamãn. **Antes o mundo não existia**. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980.

HUGH-JONES, Christine. **From the Milk River**: Spatial and temporal processes in the Northwest Amazon. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

HUGH-JONES, Stephen. **Clear descent or ambiguous houses?** A re-examination of tukanoan social organization. In: *L'Homme*. Paris: v.126-128, 1993. p.95-120.

HUGH-JONES, Stephen. **The palm and the pleiades:** Initiation and cosmology in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

JACKSON, Jean. **The Fish People:** Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JORE, Daniel & JORE, Cheryl. **Análise preliminar da língua Yahup.** Brasília: SIL, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982 [1949].

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A noção de estrutura em etnologia.** In: Os Pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1980 [1952], p.1-44.

LOLLI, Pedro. **As redes de trocas rituais dos Yuhupdeh no igarapé Castanha, através dos benzimentos (mihdiiid) e das flautas Jurupari (ti').** São Paulo: USP, 2010 (tese de doutorado).

LOPES, Aurise Brandão. **Fonologia Yuhup:** Uma análise não-linear. Santa Catarina: UFSC, 1995 (dissertação de mestrado).

LOUKOTKA, Chestmir. **Classification of South American Indian Languages.** Los Angeles: University of California, Latin America Center, 1968.

MAHECHA RUBIO, Dany. **El nombre en Nikak.** In: WETZELS, W. Leo (ed.). The linguistics of endangered languages: contributions to morphology and morphosyntax. Utrecht: LOT, 2009, pp.63-93.

MAHECHA RUBIO, Dany. **Papera kei “papel ver”**: Reflexiones sobre el proceso de aprendizaje de la lectura y escritura del español entre los yujup del bajo Apaporis. In: AMAYA, María Trillos (ed.). Participación de las lenguas en la construcción de sentidos sociales. Barranquilla: Universidad del Atlántico, 2003.

MAHECHA RUBIO, Dany, FRANKY CALVO, Carlos Eduardo & CABRERA BECERRA, Gabriel. **Nukak, Kakua, Yuhup y Hupdu (Makú)**: Cazadores nómadas de la Amazonia colombiana. In: CORREA, François (org.). Geografía humana de Colombia: Amazonia amerindia territorio de diversidad cultural. Tomo VII, vol. II. Bogotá: ICANH, 2000, pp.129-211.

MAHECHA RUBIO, Dany, FRANKY CALVO, Carlos Eduardo y CABRERA BECERRA, Gabriel. **Los makú del Noroeste Amazónico**. *Revista Colombiana de Antropología*. Bogotá: ICAN, Vol.33, 1997, p.85-132.

MARQUES, Bruno Ribeiro. **Figuras do movimento**: Os Hupda na literatura etnológica do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009 (dissertação de mestrado).

MARTINS, Silvana. **Análise da Morfossintaxe da Língua Dâw e Sua Classificação Tipológica**. Florianópolis: UFSC, 1994 (dissertação de mestrado).

MARTINS, Valteir. **Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental**. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2005 (tese de doutorado).

MASSA, Dom Pedro. **De Tupan a Cristo**: Jubileu de ouro das Missões Salesianas do Amazonas. Manaus: Missões Salesianas do Amazonas, 1965.

McLENNAN, John Ferguson. **Primitive marriage**: An inquiry into the origin of the form of capture in marriage ceremonies. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1865.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007 [1970].

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade primitiva**. Lisboa: Editora Presença, 1974 [1871].

OSPINA BOZZI, Ana Maria. **Claves para la comprensión de las relaciones entre la lengua, la cultura y la sociedad yuhup**: Una perspectiva etnolingüística. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, *Revista Forma y Función*, n.21, 2008, p.189-226.

OSPINA BOZZI, Ana Maria. **Les structures élémentaires du Yuhup Makú – Langue de l'Amazonie colombienne**: morphologie et syntaxe. Paris: Université de Paris 7, 2002 (tese de doutorado).

OSPINA BOZZI, Ana Maria. **Morfología del verbo en la lengua Macú-Yujup**. Bogotá: Universidad de los Andes, 1995 (dissertação de mestrado).

OVERING KAPLAN, Joanna. **Endogamy and the marriage alliance**: A note on the continuity in kindred-based groups. *Man*, n.8(4), 1973, p.555-70.

OVERING KAPLAN, Joanna. **The Piaroa**: A people of the Orinoco basin. Oxford: Clarendon Press, 1975.

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Vocês, brancos, não têm alma**: Histórias de fronteiras. Belém: UFPA/MPEG, 2002.

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Sociedade e improviso**: Estudo sobre a (des)estrutura social dos índios Maku, 2000 (livro não publicado, citado por Marques 2009).

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Hiérarchie, liberté et exclusion**: Reflexions sur l'identification de l'Aire Indigène Apaporis". *Cahiers des Amériques Latines*, n.23, 1997a, p.143-157.

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Langue, société et numération chez les Indiens Maku** (Haut Rio Negro, Brésil). *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 83, 1997b, p.159-172.

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Parente et demographie chez les indiens Maku**. Paris: Université de Paris VII, 1991a (tese de doutorado).

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Os Maku**: Esquecidos e discriminados. In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos Indígenas no Brasil*: 1987/88/89/90. São Paulo: Cedi, 1991b, p.141-2.

POZZOBON, Jorge Antônio Hias. **Isolamento e endogamia**: Observações sobre a organização social dos índios Maku. Porto Alegre: UFRS, 1983 (dissertação mestrado).

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald & FORDE, Cyril Daryll. **Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982 [1950].

RAMIREZ, Henri. **A língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro**: dicionário e guia de conversação. São Paulo: SSL, 2006.

RAMIREZ, Henri. **Dicionário Baniwa – Português**. Manaus: EDUA, 2001b.

RAMIREZ, Henri. **Família Makú ou família Uaupés-Japura?** Belém: Encontro da ANPOLL, 2001a.

RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose**: Relações intertribais no Brasil. São Paulo: Hucitec/INL/MEC, 1980.

REID, Howard. **Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku indians of Brazil**. Cambridge: Univ. of Cambridge, 1979 (tese de doutorado).

REINA GUTIERREZ, Leonardo. **Análisis fonológico, lengua Yujupde-Makú, Amazonas**. Bogotá: Universidad de los Andes, 1986 (dissertação de mestrado).

RIVET, Paul & TASTEVIN, Constant. **Affinités du Makú et du Puinave**. *Journal de La Société des Américanistes*, Vol. XII, 1920, p.69-82.

RIVIÈRE, Peter. **O indivíduo e a sociedade na Guiana**: Um estudo comparativo sobre a organização social ameríndia. São Paulo: Edusp, 2001 [1984].

RIVIÈRE, Peter. **Marriage among the Trio**: A principle of social organization. Oxford: Clarendon Press, 1969.

SILVA, Cácio. **Levantamento sócio-demográfico do povo Yuhupdeh da área do Rio Tiquié**. São Gabriel da Cachoeira: Pró-Amazônia/AECIPY – Associação das Escolas e Comunidades Indígenas do Povo Yuhupdeh, novembro de 2010.

SILVA, Cácio & SILVA, Elisângela. **A escrita dos Yuhupdeh**: O registro ortográfico de uma língua indígena do Alto Rio Negro. *Revista Antropos*, ano 1, n.1, 2007c, p.1-22.

SILVA, Cácio & SILVA, Elisângela. **Yuhupdeh dǎd**: Caderno de alfabetização e proposta ortográfica da língua Yuhup. Manaus: Pró-Amazônia, 2007b.

SILVA, Cácio & SILVA, Elisângela. **Análise fonológica da língua Yuhup**. Manaus: Pró-Amazônia, 2007a.

SILVERWOOD-COPE, Peter Lachlan. **Os Maku**: Povo caçador do Noroeste da Amazônia. Brasília: UnB, 1990 [1972].

SOCOT, Jovino Pinoá & CARVALHO, Marcelo. **Pě' pã ni téét**: caderno de educação em saúde Húpd'äh. São Gabriel da Cachoeira: Pró-Amazônia, 2011.

SOUZA, Cônego Francisco Bernardino de. **Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas**. Pará: Typographia do Futuro, 1873.

TRUPP, Fritz. **Bericht über eine feldforschung bei den Maku und Makuna in Süd-Kolumbien**. Wiener Völkerkundliche Mitteilunge, heimm 14, 1972, p.93-94. Viena.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. **O problema da afinidade na Amazônia**. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WEIR, Helen. **A Negação e Outros Tópicos da Gramática Nadëb**. Campinas: UNICAMP, 1984 (dissertação de mestrado).

WRIGHT, Robin M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: ISA, 2005.

¹ A literatura etnológica da região usa o termo “grupo local” para se referir ao assentamento residencial, distinguindo-o de “grupo doméstico” ou “grupo de fogo”. Optarei, entretanto, pelo termo usado “comunidade”, regionalmente como sinônimo daqueles.

² Na literatura etnológica da região, diferentes termos têm sido usados para grupo étnico. Goldman (1963) fez uso de “tribo”, Jackson (1983) optou por “grupo linguístico” e C. Hugh-Jones (1979) por “grupo exogâmico”. Apesar de consciente da imprecisão, usarei aqui os termos “povo”, “sociedade”, “etnia” ou “grupo étnico” como sinônimos.

³ Desde Goldman (1963, p.90), convencionou-se na literatura etnológica da região usar o termo “sib” para os grupos de unificação Tukano e, desde Silverwood-Cope (1972, p.119) usa-se “clã” para as mesmas unidades do “Maku”. Seguirei esta convenção.

⁴ Tais povos têm sido referidos também e respectivamente como Nadöb, Anadöub e Nadeb; Döw, Dow e Kamã; Ubde, Hupde, Hupdu, Hupda, Hupdah, Húpdah e Hupd’äh; Bara; Nukak, Nìkak. Minha opção é pela forma ortográfica que tem sido usada pelo próprio povo, especialmente em materiais de educação, ou por seus pesquisadores mais recentes, ficando, portanto Nadëb (Weir, 1984; Gomes, 2008), Dâw (S. Martins, 1994; V. Martins, 2005), Húpd’äh (Ramirez, 2006; Socot & Carvalho, 2011), Kakua (Bolaños Quiñónez, 2010); Nìkak (Mahecha Rubio, 2009).

⁵ Este habita o interflúvio dos rios Inirida e Guaviare, afluente do Orinoco.

⁶ Lolli se dedicou a aspectos do xamanismo, mais especificamente aos rituais de benzimentos, ligados à construção da pessoa, aos rituais de jurupari, ligados à construção do grupo.

⁷ Vale mencionar a distinção entre o povo Tukano e a família etnolinguística Tukano Oriental, formada por 17 povos dos quais os Tukano são um e empresta-lhe o nome. Salvo esta única

exceção, a designação “Tukano” neste texto se refere à família etnolinguística Tukano Oriental e não ao povo Tukano propriamente dito.

⁸ *Soop* é um tipo de funil feito de folha que funciona como conta-gotas para pingar remédio no olho ou nariz.

⁹ *Tōh* é um tipo de lagarta comestível.

¹⁰ Para Cabalzar, se referindo aos Tuyuka, “fratria” é o conjunto de povos agnatas, no caso, Tuyuka, Karapanã e Miriti-Tapuya. Já para Garnelo e os pesquisadores dos Arawak, “fratria” é um conjunto de sibs agnatas, de forma que é o conjunto de fratrias que forma o povo, como também no caso dos Cubeo (Goldman, 1963) e Makuna (Århem, 1981).

¹¹ Tenho convivido com os principais informantes de Pozzobon, naquela época jovens que lhe serviam de intérpretes, e nenhum deles recorda de tais informações (agnação e hierarquia). É possível que tenha sido alguma falha de comunicação entre informantes e o etnólogo, devido à natural limitação linguística de ambos.

¹² Para alguns, como os Dessana, na Cachoeira Ipanoré (Kumu & Kenhíri, 1980, p.73), para outros, como os Tuyuka, na Cachoeira Jurupari (Cabalzar, 2009, p.124).

¹³ Segundo narrativas de xamãs dos clãs *Yāam* “onça”, *Soop* “funil” e *Buu* “cupim” respectivamente dos igarapés Cunuri, Ira e Castanha.

¹⁴ A maior representatividade clânica em São Joaquim e Cucura São João parece ser resultado de uma forte epidemia de gripe que reduziu significativamente a população daquela área, resultando em muitos órfãos criados por parentes o que alterou o sistema de descendência gerando alianças afetivas entre várias famílias.